

***TENTARAM ME MATAR
COM COPO DE VENENO,
SE QUISER MATAR,
MATE, QUE BEBER EU
BEBO MESMO! (...) SE
QUISER MATAR, TENTE,
MAS VAMOS ATÉ O
FINAL***

- GREGORY RODRIGUES ROQUE

DIALOGOS SOBRE FÉ, RELIGIÃO E DIREITOS ENTREVISTA COM GREGORY RODRIGUES ROQUE¹

*DIALOGUES ON FAITH, RELIGION AND RIGHTS
INTERVIEW WITH GREGORY RODRIGUES ROQUE*

Marina de Fátima da Silva²
Andrei Domingos Fonseca³

1 INTRODUÇÃO

Uma conversa com Gregory Rodrigues Roque, teólogo e historiador, autor do livro “A Bíblia Fora do Armário”, sobre a fé, nos tempos de fanatismo religioso, o diálogo em tempos de ódio e a militância durante a ameaça de direitos. Gregory contribui imensamente para o debate, falando sobre o seu trabalho como militante pela Aliança Nacional LGBTI+ e coordenador do Pacto Nacional LGBTI+, mas também sobre suas vivências e experiências pessoais como homem LGBTI+, inserido na cultura cristã do Brasil. Os temas abordados durante a conversa são universais entre a comunidade e, por isso, essa entrevista representa um espaço de identificação para todos que se dispuserem a lê-la.

A entrevista pode ser acessada através do link: <<https://youtu.be/zCZcMAeXydI>>.

2 ENTREVISTA COM GREGORY RODRIGUES ROQUE

Como foi essa sua entrada, sua relação com a religião, assumir esse posto de liderança na igreja e como você concilia fé, mesmo com esse cunho de retrocesso que ela tem hoje em dia, principalmente, quando a gente fala do Cristianismo, né? Como que, com seu histórico de ser LGBT na igreja e toda relação com a culpa cristã, você consegue conciliar isso?

Gregory Rodrigues Roque: A sua pergunta é uma pergunta muito simples, mas ao mesmo

¹ Bacharel em Teologia, licenciado em História, graduando em jornalismo e publicidade e propaganda, pós graduado em docência do ensino superior, planejamento educacional e políticas públicas, psicopedagogia clínica e institucional. Atualmente Coordenador Titular da Aliança Nacional LGBTI+ no estado de Minas Gerais, Coordenador Nacional de comunicação da mesma entidade.

² Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Bolsista do Projeto Pacto Nacional LGBTI+ pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

³ Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIR) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestrando em Ciência Jurídica pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPGD-CJ/UENP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

tempo muito complexa de se responder. Por quê? Nós escolhemos lidar com as situações, sabe? Nós fazemos escolhas. Então... Eu nasci inserido em um segmento religioso, fui devidamente orientado a estar dentro desse segmento religioso, uma questão bem histórica nossa, né? De todas as crianças serem batizadas pela igreja católica e tudo mais e eu já fui instado a estar nesse ambiente religioso. Só que, no entanto, quando a minha orientação sexual veio à tona, quando as coisas eclodiram, quando eu comecei a me perceber, o conflito foi inevitável. O conflito é óbvio. Ele foi um conflito inevitável. Porque a fé e a razão, né... A razão era o eu e a fé seria meio óbvio, mas eu não sabia como lidar, então eu acabei passando por todo aquele processo de sofrimento, toda aquela tristeza, toda aquela culpa que você mesma citou, todo aquele processo de culpa, todo aquele processo de tentar me destruir. Digamos... Me autodestruir, né... Me destruir, aquilo que eu sou. E a sua pergunta vem de encontro a uma realidade que eu passei. Como que eu lido com isso hoje? Como que eu sei lidar com isso? Eu hoje consigo lidar com isso compreendendo que a fé é composta por algo pessoal, íntimo, cultural... A fé é composta por algo histórico, por algo cultural e por algo pessoal. O contexto histórico é construído e o seu discurso que é feito socialmente falando. O contexto, como eu disse, cultural, que é divulgado, nós somos bombardeados com esse discurso, com essa má interpretação do contexto histórico que chega no contexto cultural e ela é replicada. E o contexto pessoal que nós absorvemos, muitas vezes, somos jogamos nesses contextos. Então, eu só passei a lidar com a minha sexualidade e o contexto de retrocesso que a fé, que o Cristianismo, esse conservadorismo, esse Protestantismo conservador que nós temos hoje, eu só consegui lidar com isso, quando eu passei a perceber que a minha relação com o sagrado passa muito mais pelo relacionamento pessoal e de análise de contexto histórico daquilo que tem de textos teológicos do que de contexto pessoal e cultural. Muitos de nós vivemos e partilhamos experiências de fé pautadas pelo contexto cultural, por um modismo, por um contexto que você não experienciou o sagrado, você não conhece, você segue aquilo que te foi apresentado, você mesmo não viveu o sagrado, então eu só consegui me despir de tudo aquilo. Tudo. Literamente tudo aquilo que feria a minha alma, que destruía o que eu sou, que me fazia mal. Eu só consegui me despir disso tudo quando eu passei realmente a compreender que fé se resume a mim... Basicamente um vertical, né? Ela é uma relação muito mais vertical do que uma relação horizontal, levando pelo contexto que o sagrado, nós todos compreendemos que está no céu, né... Naquela coisa toda. Então ela é uma relação entre eu e o céu. É uma relação mais vertical do que horizontal. Então eu não necessariamente preciso estar inserido dentro de um ambiente religioso, dentro de uma casa de culto, dentro de uma casa de oração, nesse contexto cristão, pós-cristão, desse contexto todo que a gente vive. Eu não preciso estar inserido nisso pra viver a minha experiência religiosa, a minha experiência com o sagrado. Então sendo mais específico, sem muitos rodeios, eu só consegui mesmo realmente passar a conciliar isso quando eu passei a entender que eu não preciso passar pelo ser humano que conduz a religião aqui, eu não preciso passar por esse humano, por esse lado humano, por esse lado um homem que me ensina algo pra experienciar o sagrado, viver pra crer, claro se eu quiser realmente conhecer um pouco mais eu tenho que ter a noção que eu tenho que me dedicar. Eu preciso estudar.

Eu preciso compreender, mas eu também preciso compreender que a experiência sagrada não passa necessariamente por um padre, por um pastor e tudo mais. Então, basicamente isso. Acho que uma boa resposta seria: eu consegui me despir dos dogmas religiosos quando eu botei uma pitada de ciência na minha fé. Porque, aí, eu passei a interpretar os textos e a compreender que os textos têm um contexto para o qual eles foram escritos. Existe um contexto para o qual aqueles textos foram postos e aquele contexto não é o meu contexto atual, entende? Então a pitada de ciência como eu falo a exigese e a hermenêutica falando muito alto nesse sentido, sabe?

Não pedi para você se apresentar, e eu acho que pra quem for ouvir depois e ler, é importante entender de onde vem esse contexto dessa ciência e do que você estudou sobre. Então se você puder se apresentar e explicar um pouquinho da sua vivência na militância e na religião...

Gregory Rodrigues Roque: Claro! Vamos lá. Eu sou Gregory Rodrigues de Souza. Tenho 30 anos de idade. Sou casado com o Uebert Rodrigues. Sou um virginiano bem ferrenho como se deve perceber. Sou teólogo de formação, bacharel em teologia e licenciado em história, pós-graduado em docência em ensino superior, psicopedagogia institucional e políticas públicas. Eu sou consagrado pastor. Eu venho de uma consagração pastoral que hoje eu não exerço mais o ministério, mas já fui consagrado pastor. Sou autor do livro “A bíblia fora do armário” que tenta descrever um pouco desse contexto do que a bíblia realmente diz sobre a homossexualidade. Por exemplo, a minha experiência de fé começa numa família católica, de um pai que desistiu da batina para casar com a minha mãe e eu inserido nesse contexto estritamente religioso tendo em vista que eu sou mineiro, o povo mineiro é um povo muito ligado a religiosidade, então nós mineiros estamos sempre ligados nesse contexto das crenças religiosas e, então, eu cresci realmente dentro desse ambiente, desse contexto. Eu já fui pastor de uma igreja inclusiva, que acolhe todos e todas gays, lésbicas, bis, transexuais, pan, não-binários, etc... Gênero fluído... Todos. A letra toda. E esse contexto todo que eu citei no começo da nossa entrevista é baseado nas minhas experiências de vida, uma pessoa que se descobre inserida no meio religioso que culturalmente é um meio que dissemina fake news teológicas, é um meio que dissemina falsas ou más interpretações dos textos bíblicos e isso que faz com que nós experienciemos vivências religiosas baseadas em contextos infundados, em contextos mais humanos do que espirituais e a minha vivência se dá exatamente nesse contexto. Então, é justamente por isso, eu pelo menos considero que eu possa falar um pouco sobre vivência do sagrado, compreender o sagrado e sofrer pelo sagrado pra ser quem eu sou. Digamos que uma pessoa inserida nesse contexto tenta suicídio é uma tentativa de autodestruição, então uma pessoa que está inserida num ambiente religioso e tenta tirar a própria vida e, de repente, se vê inserida numa realidade que ela não... Nem sabia direito, na realidade, é um bom exercício de fé.

Eu queria ser padre, eu queria seguir o caminho que o meu pai não seguiu e, aí, eu acabei desistindo, porque eu compreendi que eu não conseguiria ficar dentro de um seminário religioso e não viver a minha sexualidade. Então, eu acabei não seguindo. Logo depois, eu fui conhecer uma igreja evangélica, ou seja, fui dar de cara com o Protestantismo. E já naquele contexto de tentar me reprimir. Eu sempre fui um homem de muita fé, eu me considero uma pessoa muito intensa, seja nas minhas relações, seja no meu contexto de exercício de fé. Então essa inserção toda fez com que eu passasse da experiência do catolicismo, da negação do catolicismo, nesse sentido que eu não queria viver uma vida dupla, eu não queria ser duas caras, viver verdades secretas digamos assim. E tentei sublimar o que eu sentia, tentei sublimar o que eu vivia em uma igreja evangélica. Eu passei por todo aquele contexto de reorientação sexual, de mudança e de tudo... Então, isso tudo foi algo que eu passei e foi o que me fez chegar até onde eu estou hoje. Conhecer igrejas inclusivas, ser consagrado pastor num ambiente que diretamente aceita pessoas de todas as variantes. O multiverso existe, ele é real. As variantes religiosas são reais. Então eu me permiti viver nesse meio apesar de ser um meio que nos aceita e nos acolhe, mas traz consigo em sua grande maioria as doutrinações dos meios considerados protestantes tradicionais dentro dos meios que seriam progressistas inclusivos. Essa inserção desse contexto doutrinário mais humano foi o que hoje me fez estar mais distante do contexto cristão, do contexto de exercício de fé protestante, de não exercer mais o ministério pastoral e ser hoje uma pessoa que tem se conhecido, se encontrado nas religiões de matriz africana. Pra vocês que estão nos assistindo, uma guia no pescoço, por exemplo, de Maria Padilha que é a Pomba-gira que anda comigo. A minha velha. A minha protetora que anda comigo junto com o seu Tranca Ruas. Então eu tenho me experienciado, me encontrado nesse ambiente de religiões de matriz africana, até pelo fato de ser historiador e me reencontrar com meu passado e minha ancestralidade histórica. Também é uma experiência histórica. E hoje eu tenho dedicados os meus esforços a me encontrar fazendo o bem ao próximo lutando por direitos, lutando pela construção de políticas públicas na Aliança LGBTQ+ da qual eu sou coordenador nacional de publicação, sou coordenador estadual em Minas Gerais. Então, por exemplo, nesse momento que estamos gravando essa entrevista eu estou em Maceió no Estado de Alagoas participando de um encontro nacional de conselhos LGBTQI+. Nós estamos nessa flexibilização desse contexto pandêmico, nós estamos discutindo políticas públicas, tendo em vista o contexto de retrocesso que a gente vive hoje com esse governo que tá posto. O meu discurso, que antes eu tinha de passar por programas de TV debatendo com pessoas fundamentalistas religiosas, defendendo a teologia inclusiva, que era meu papel nos programas que eu participei. Hoje eu dedico meus esforços a defender a liberdade religiosa, mas de buscar políticas públicas, direitos efetivos, o cumprimento desses direitos efetivos. E é o que eu busco fazer a diferença na vida das pessoas hoje em dia dessa forma.

Nesse sentido, dessa inclusão, dos dogmas da igreja, um ambiente mais inclusivo, você tem um marco bem importante por você foi o primeiro a celebrar um casamento gay...

Gregory Rodrigues Roque: Sim! Em Minas Gerais, em Belo Horizonte, eu fui o primeiro homossexual da cidade, da capital mineira a se casar no civil antes da decisão do CNJ. O meu primeiro casamento se deu antes da decisão do CNJ, através de um processo que nós entramos com a defensoria pública do Estado de Minas Gerais e nós conseguimos. Eu e meu companheiro, à época, logramos êxito de conseguir, através da 11ª Vara de Família, uma sentença favorável ao reconhecimento da nossa união e como casamento. Naquela altura, o Supremo Tribunal Federal já tinha se decidido sobre a união estável, mas não sobre o casamento. Então nós entramos com um processo e eu fui precursor na minha cidade, na capital mineira. Então eu casei, mas também acabei logrando êxito em ser o primeiro casal homoafetivo do Estado a se divorciar. Então eu fui precursor uma na capital e o outro a nível Estadual. Hoje eu estou casado novamente, mês que vem completo 05 anos de casamento civil, são 05 anos de uma história e ano que vem já 07 anos de uma união duradoura, graças a Deus. E como pastor eu também celebrei casamentos homoafetivos na capital mineira e em outras cidades de Minas Gerais. Celebrei até casamentos heterossexuais, mesmo já sendo conhecido na TV como o pastor gay, um pastor gay, o pastor que defende a homoafetividade. Então, eu já tive essas oportunidades. Eu sempre defendi aquilo que eu acreditava, aquilo que eu cria, aquilo que eu creio ainda, não porque eu tenho me encontrado nas religiões de matriz africana que as minhas raízes cristãs saem de mim. Elas não saem e eu não quero que elas saiam. Eu vejo hoje essa minha realidade de poder defender aquilo que eu sempre defendi, de querer transmitir para as pessoas aquilo que eu sinto, transmitir a paz que eu sinto comigo sendo eu mesmo, sabe? Transmitir para as pessoas a paz que sinto exercendo a minha fé, transmitir para as pessoas a paz que eu sinto e abençoar elas. A nossa vida é feita de trocas de energias, são trocas de energias, o que eu tenho de bom eu quero que as pessoas tenham também. Isso enquanto pastor fiz, e se ainda for necessário eu faço novamente, abençoar pessoas, abençoar pessoas não é uma dádiva de um líder religioso. Nós temos dois caminhos na vida: bênção e maldição, isso é até um contexto cristão citado na bíblia sagrada. “Escolha, pois a bênção pra que vivas”. Então esse é o meu caminho, eu escolho sempre passar para as pessoas o que eu tenho de bom. Então é isso, eu fui realmente precursor nesse cenário e espero continuar sendo precursor na quebra de tabus para que outras pessoas não passem pelos sofrimentos e não tenham que enfrentar retrocessos. O meu casamento só possível graças a uma jurisprudência do Supremo Tribunal Federal que reconhece a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar e uma normativa do CNJ do Conselho Nacional de Justiça que passa a obrigar os cartórios a reconhecer, ou seja, a registrarem os casamentos de pessoas do mesmo sexo enquanto casamentos, como todos os direitos que um casal heterossexual tem. Então se hoje, supondo, algum dos ministros da Suprema Corte se aposenta, entra um processo na Corte para mudar a jurisprudência, vejam bem... Eu não entendo muito do jurídico, mas até onde eu sei, a lei não retroage em desfavor de

ninguém, a lei nunca vai retroagir em desfavor de um réu, ela não vai retroagir em desfavor de ninguém, mas vejam bem... É uma jurisprudência do Supremo Tribunal Federal. Se hoje essas ameaças de retrocessos que nós vivemos cheguem até a Suprema Corte e há hoje uma mudança dessa jurisprudência e passa-se a não reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar. “Ah, mas Gregory esse é um fato longínquo!”. Meu amigo, no contexto atual que a gente vive, eu espero qualquer coisa. Eu espero qualquer tentativa de manobra pra se tentar tirar direitos, pra se tentar tirar conquistas.

Mas o que eu acho que é interessante a gente conversar é justamente sobre a instituição do casamento que a gente tem, essa visão muito heteronormativa, muito estereotipada. E eu queria ver como você encara isso, essa crítica à instituição do casamento, que padrões heteronormativos estereotipados deveriam ser recusados.

Gregory Rodrigues Roque: Bem, vamos separar o contexto de casamento em dois ambientes. Primeiro, o casamento civil. O que precisa ser levado em consideração? O casamento civil ele não é apenas um contrato de convivência, o contrato eu faço com o sócio, com uma pessoa que eu estou dividindo uma empresa aonde eu quero ter lucros. Quando eu falo de casamento, eu estou falando da construção de entidade familiar, de construção de uma vivência em conjunto que precisa ter as garantias jurídicas legais e constitucionais que o Estado dedica aos casais heterossexuais. Então, se o casal heterossexual, que assina um papel na frente de um juiz de paz, que é o que nós chamamos hoje de casamento, aquilo é muito mais que um contrato de convivência, é uma garantia de execução de cumprimento de direitos legais e constitucionais. Falar que o fato de gays, lésbicas, travestis, transexuais e tudo mais quererem casar é se adequar ao padrão heteronormativo, ao meu ver, é uma idiotice. Me perdoem pela frase, mas é uma idiotice. É um questionamento sem fundamento. Porque o contexto de casamento é simples. Vamos lá, eu sou historiador, o contexto de casamento no passado, passado lá do período cristão, antes de Cristo, as pessoas eram prometidas em casamentos arranjados, quem davam as bênçãos ou era o sacerdote ou sei lá, ou eram os pais e aquilo era simplesmente celebrado como uma troca de dotes ou como uma festa. Havia uma troca financeira, muitas vezes, isso no contexto pós-cristão, não muitas décadas atrás, as pessoas, os homens pagavam dotes. Nós temos isso registrado nos nossos livros de história. Então falar do casamento e de como ele é hoje traz a construção de uma entidade familiar, porque quando nós, pessoas homoafetivas, nos juntamos a gente não quer só sexo, a gente não se une apenas para ter um cu, pra ter um pau pra gente poder chupar ou pra ter uma buceta pra gente poder chupar. Não é pra isso. Não é só isso. A gente se encontra com um igual que nos complementa, que nós queremos partilhar a vida, a gente faz compras juntos, paga impostos juntos, tem cachorro, adota criança, cuida de casa, compra carro, compra apartamento, gasta dinheiro. Isso é construir uma vida, nós construímos uma história, nós construímos uma trajetória, então é preciso desconstruir esse mito, isso é um mito, é preciso desconstruir esse mito de que nós queremos nos adequar aos

padrões heteronormativos, pelo amor de Deus! Nós temos que acordar. Se o Estado diz na sua Constituição Federal que o Estado vai dedicar proteção a união entre homem e mulher, que é o que tá hoje escrito, né? Que a união entre homem e mulher e sua prole e é dever do Estado dedicar a sua proteção, pense... Ali a sua união, a sua existência enquanto ser amante, entre ser que tem amor pra receber e pra dar, você não existe. E aí, vem o Supremo Tribunal Federal e interpreta o texto constitucional... e mais uma vez a gente esbarra na exegese e na hermenêutica, a mesma Constituição que diz que a união que é considerada casamento, que é considerada família é a entre homem e mulher, é a mesma que diz todos somos iguais perante a lei. Espera! No contexto no qual a Constituição Cidadã foi promulgada, foi escrita, será que o constituinte não tinha ciência dessa realidade? E apenas por meros preconceitos, mais uma vez, religiosos, culturais, a nossa Constituição Cidadã não contempla a amplitude da sociedade e as suas variantes? Será por quê? Será que é exatamente por esse motivo que ela não contempla que nós precisamos abrir nossos olhos para entender que nós não estamos querendo ser um padrão heteronormativo. Se você não quer casar não casa. Se você não quiser garantir que se seu companheiro, seu esposo, sua esposa morre e você não vai ter a sua pensão resguardado, aí, é um problema pessoal teu. Agora, eu quero. Eu quero garantir que a pessoa que esteja comigo, que esteja partilhando a vida comigo, se um dia eu vier a faltar, que ela tenha o amparo e a proteção Estatal de saber que olha... Ele é um viúvo de uma pessoa do mesmo sexo. Ela é uma viúva de uma pessoa do mesmo sexo e ainda assim é dever do Estado dar uma proteção e dedicar o mesmo direito que há pra um casal heterossexual, entende? É isso.

É uma questão de isonomia. Nós estamos falando de igualdade. É uma Constituição que no seu preâmbulo diz que sobre a proteção de Deus, veja... Sobre a proteção de Deus, nós constituintes... Vemos aí o contexto cristão influenciando o contexto da nossa constituinte, contexto judaico-cristão que é machista, sexista, racista, escravagista, isso tudo é o contexto judaico-cristão. É o que nós percebemos no contexto da vivência do povo judeu lá no velho testamento. Isso é fato. Então, uma Constituição que diz isso, mas que vai se contradizer, se todos são iguais perante a lei. Nós estamos inseridos na sociedade, nós somos sujeitos, nós somos cidadãos e cidadãs, pagadores de impostos, nós não somos diferentes, nosso dinheiro não é cor-de-rosa, não é da cor do arco-íris, e mesmo assim se fosse não me interessa. Eu queria ter os mesmos direitos que o camarada que anda de braço dado com a mulher na praia, na orla da praia, que beija e não é achincalhado, não toma uma lâmpada na cara no meio da Avenida Paulista, eu quero ter esse mesmo direito de andar com uma pessoa, com a pessoa que eu estou, com a pessoa que eu estou casado, seja lá com quem quer que seja que eu esteja, quero andar de mãos dadas com ela e não ser atacado por aquilo. Por aquela situação que dedico o meu afeto, uma coisa íntima, de foro íntimo meu. Da mesma forma que uma relação heteroafetiva é uma relação de foro íntimo. Você não pede permissão para a sociedade para você casar com um homem e uma mulher. Ninguém fica "Ah, sociedade me aceitem, por favor!". Lógico que não!

Existem alguns vídeos teus na internet debatendo com algumas figuras famosas (risos). Existe um vídeo de você discutindo com o atual desgoverno do Brasil. Eu quero saber, depois de tudo que a gente passou nos últimos 03 anos, se você ainda acredita que é possível debater.

Gregory Rodrigues Roque: É possível debater porque eu acredito na construção de qualquer circunstância numa sociedade baseada no diálogo. A minha meta de vida é se pautar pelo diálogo, pela conversa, pela discussão, porque eu aprendo mais com aqueles que divergem de mim do que com aqueles que concordam comigo. Eu acredito que dá. No entanto, no contexto que a gente vive, é um contexto de, como eu posso dizer... É uma “messianização”. É um contexto de teocratização da nossa democracia, sabe. É uma teocratização. Nós estamos vivendo um contexto que se assemelha muito ao que nos vimos nos Estados Unidos com o Jim Jones. Com aquele pastor que ficou muito famoso e, de repente, começou a pregar que as pessoas tinham que dar toda a sua riqueza pra igreja e pra ele e todos aqueles fiéis foram levados para a América Central. E todos ali acreditavam nele cegamente ao ponto de quando os congressistas vão visitar - porque tem americanos vivendo como uma comunidade isolada do mundo -, os congressistas são atacados a tiros e as pessoas cometem suicídio em massa. Então, as pessoas preferem ser negacionistas, preferem negar a realidade, preferem arriscar a própria vida. No mínimo, do mínimo, do mínimo, aquilo pra mim é um personagem, que leva as pessoas como marionetes. Um personagem que vai manipulando as marionetes e, ali, ele se diverte com aquelas marionetes e se vira futebol clube. Mas eu ainda acredito que é possível a gente construir política pública, que é possível a gente impedir retrocesso através do diálogo. No entanto, é preciso também que a gente compreenda que o diálogo não é feito só no Parlamento, o diálogo não é feito só numa mesa de bar, o diálogo pode ser feito nas instâncias superiores, o diálogo pode ser construído nas esferas do judiciário brasileiro, nos guardiões da Constituição Federal, dos órgãos de fiscalização, ele pode ser feito se necessário no Ministério Público, eles podem ser feitos nos tribunais internacionais. Então, é preciso que as pessoas compreendam: dialogar em debate televisivo muitas vezes pode ser midiático, pode ser uma performance, pode ser muito teatral, mas construir um debate, um diálogo, pode ser necessário que seja na frente de um magistrado. Então eu prefiro muitas vezes dizer que, se for preciso, nós vamos até aonde for preciso, né. Até onde Judas perdeu as botas pra gente defender aquilo que nós acreditamos.

O projeto do Pacto e da Aliança vem fazendo muita coisa na área do advocacy, na área de diálogo justamente com as instâncias superiores. Você, tendo essa noção dessa mistura entre religião e política, consegue ver os resultados dessas conversas mesmo sabendo que as instâncias superiores ainda são tomados pela religião?

Gregory Rodrigues Roque: A gente consegue ver o resultado das nossas ações enquanto

praticantes do advocacy, que é uma das minhas religiões, né! (risos). A gente consegue ver os resultados a partir do momento que nós não vemos retrocessos sendo aprovados. No contexto dos nossos direitos, digamos que hoje nós não podemos dizer que nós avançamos, mas nós não podemos dizer que nós retroagimos. Temos graves ameaças e vivemos sob constantes ameaças. Mas, no entanto, conduto, todavia, nós precisamos reconhecer que nós não retroagimos. Então eu acredito que o nosso trabalho de litigância estratégica de advocacy tem surtido efeito pelo menos no sentido de construir uma grande barragem para segurar essa barra que é não gostar deste governo. Então veja, se não existisse o advocacy hoje, nós não seríamos capazes de construir nada! Nós não seríamos capazes de impedir nenhum tipo de retrocesso.

Olha tem um ponto de Pomba-gira que diz assim “tentaram me matar com copo de veneno, se quiser matar me mata que beber eu bebo mesmo”. Então, literalmente, se quiser matar tente, mas nós vamos até o final. Porque olha, não tem vitória sem luta, não há vitória sem uma batalha e uma bem travada o gosto da vitória é sempre maior. E uma coisa que eu tenho pra te dizer que eu acho que vai servir bem para que as pessoas reflitam: no final de uma grande batalha sempre vem os refrescos! (risos). Sempre! Nunca falha. Nunca. Nunca falha. Sempre vai ter algum refresco. Sempre e isso é literal. E eu espero que os nossos tribunais não desonrem o juramento feito à Constituição Federal.

Uma questão que me marcou muito na pandemia que foi a falta de espaços que a gente tem de segurança, esses espaços de convivência. Como você percebeu essa falta de acolhimento? Você tá lidando muito com o público, sendo o coordenador da Aliança, sendo coordenador de comunicação. O que você recebeu das outras pessoas e de como você acha que vai ser essa volta?

Gregory Rodrigues Roque: Esse é um dos nossos refrescos. Infelizmente, a nossa população, a nossa comunidade, nós não somos mais uma pequena comunidade, nós somos mais de 10% da população brasileira. Nós temos poder de decisão, nós precisamos compreender que somos 10% da população brasileira e nós temos poder de decisão, poder de voto, temos representatividade. Nós temos capacidade de colocar representatividade dentro do poder e nós precisamos parar de nos diminuir diante dessa situação. Então vamos lá, a nossa comunidade, a população LGBTI+, vem de um contexto de rejeição, de repressão familiar, de rejeição desse contexto todo que a gente já citou lá no começo da nossa fala. Então, as pessoas ficaram reprimidas em casa tendo que tolerar a LGBTfobia, dentro da sua própria casa, sem ter um refúgio e, literalmente quando nós falamos desses nossos espaços não são os espaços dos nossos eventos, seminários, mas os espaços de convivências. Os clubes, os bares, até mesmo as saunas e etc... Eram ambientes de fuga, de convivência, literalmente de fuga no sentido de sair daquele momento de estar sendo reprimido e passar a conseguir extravasar e se sentir incluído. Então, hoje com essa volta, com essa flexibilização eu tenho percebido nas pessoas aquela sensação de quando você queima no sol e passa um pós-sol,

quando você chega em casa e falando “Nossa!”. Passa aquele pós-sol com aquela Aloe Vera e fala assim “Uau, olha aonde a gente tá. A gente tá num encontro, a gente tá se abraçando, a gente tá se vendo de novo, a gente tá conseguindo estar no meio dos nossos!”. Então, nós recebemos muitas mensagens de pessoas dizendo que estavam sofrendo LGBTfobia em casa, sendo muitas vezes agredidas verbalmente e fisicamente pelo próprios familiares, muitas vezes, pai e mãe. Nós percebemos, esses casos, pessoas que acabaram tentando fugir de casa, por não conseguir estar inserido dentro desse ambiente repressor e LGBTfóbico, porque não dizer um ambiente assassino, que não assassina apenas corpos, ele assassina reputações, mentes, então... Ele assassina almas, então é nesse sentido. Então, esse é um dos nossos refrescos, literalmente... Eu me sinto definitivamente hoje percebendo um cenário de grande alegria hoje.

O contato é excelente, muda vidas, o contato muda vidas, o contato traz essência pra gente, sabe. O contato traz essa vivência toda. Sabe o que eu digo pra gente ir encaminhando para o nosso finalzinho? Nós somos casa. Quando no contexto bem cristão, a gente diz que o nosso corpo é um templo, vamo teologizar esse papo bem rapidinho. Nós dizemos dentro do contexto teológico cristão que a nossa casa é templo do espírito santo. Eu faço uma metáfora com isso. Nosso corpo, nós somos templo, mas somos templo de energia, templo de acolhimento, templo de amor, templo de compreensão, templo de tempo, templo de dedicação e isso nós podemos ser templo, nós podemos ser casa. Qual o outro? Nós somos templo para aqueles que são próximos a nós, que são os nossos iguais e precisam desse templo. Que precisam de um abraço, de um olhar amigo, precisam de um carinho, precisam de um cafuné. Isso é a vivência da população LGBTI+ que vivem com a sua vivência em sociedade pautada sempre no medo. Medo. Medo e apenas o medo. E aí, quando nos encontramos seja na rua, aí, nós temos os refrescos, enfim os refrescos, entende? (risos).

A última questão era mais sobre a questão do HIV, sobre essa volta... Sobre a gente estar voltando a esse tabu, sobre a educação sexual estar voltando a ser tabu, a sexualidade estar voltando a ser tabu e sobre a gente estar revivendo o que a gente já viveu antes e...

Gregory Rodrigues Roque: Desculpa ter te interrompido, mas nós estamos vendo no contexto midiático... Aquela série *Pose* retrata bem o que nós vivemos nos anos 80, no início dos anos 90, como era, como que as pessoas tinham medo inclusive do próprio tratamento, da própria medicação; como a falta de informação faz com que as pessoas tenham preconceito dentro da própria comunidade, dentro da própria sigla, dentro dos próprios, dentro dos nossos. Então, hoje é triste que nós ainda vejamos tabus que já haviam sido quebrados, porque hoje o avanço da ciência proporciona à pessoa soropositiva a vivência com a saúde definitivamente idêntica a uma pessoa que não é soropositiva. Uma pessoa que é soropositiva e faz o seu tratamento devidamente se tornando indetectável, ela se torna

intransmissível, esse é o contexto, ou seja, *i* é igual a *i*. A pessoa que é indetectável não transmite mais o vírus. Então, não há necessidade das pessoas se pautarem por esse tipo de preconceito. Nós que lutamos tanto contra o preconceito, contra a discriminação, nós nos discriminamos e é vergonhoso que nós vejamos uma série e batamos palma para uma série como *Pose*, adoramos as personagens que são trans, etc e tudo mais... Um babado! E na nossa vivência real, nós não conseguimos compreender que muitas vezes o sofrimento psíquico, mental, físico, existe. Ele é real e muito além da descoberta, do sofrimento daquela descoberta de ser soropositivo, do medo da rejeição, a efetividade do medo, ou melhor, a efetividade da repressão, do preconceito. Ela simplesmente potencializa algo que já é construído. O medo por ser gay/lésbica/LGBTI+ e, aí, você se descobre soropositivo. Você junta dois/três tipos de preconceitos. Porque o preconceito por ser soropositivo não é só dentro da comunidade. O preconceito é todo, é dá sociedade como um todo. Porque as pessoas que são HIV positivas são consideradas pessoas promíscuas, devassas, pessoas que não tem compromisso, pessoas que não se cuidam e etc. Mas, aí, a ciência vem para trazer mais um fresco. Literalmente. Pra poder dizer “olha, tá vendo esse comprimidinho aqui que você toma, muitas vezes, um por dia? Você vive uma vida tranquila”. Você não coloca a vida de ninguém em risco, muito menos a sua. Então é preciso que as pessoas deixem de ser hipócritas, deixem de ser fariseus, deixam de ser pessoas hipócritas e compreendam que a militância, seja ela presencial, seja a militância de rede social, a lacração... O contexto quando nós chamamos de lacração, ela tem um contexto real pra ser colocada, a militância de Twitter, a militância de rede social, as pessoas que não vão pra rua, que não acordam de madrugada pra fazer litigância estratégica no Congresso Nacional, que não acordam cedo, que não passam por voo de 04/05 horas pra chegar lá no Congresso Nacional pra fazer um advocacy pra dialogar com pessoas horrendas muitas vezes, que a gente sabe que são LGBTIfóbicas, mas você tem que sentar na mesa com elas e dialogar. Expor proposta. Expor não só um problema, mas levar a proposta. Essas são as pessoas que lacram através de um *tweet* e não sabem a real vivência de luta do movimento. Botar um “oclinho” de lacração em rede social é muito fácil. Essas pessoas são as mesmas que na hora que conhecem uma pessoa LGBTI que diz “olha eu sou HIV positivo” ela é bloqueada do aplicativo, ela é isolada, ela é maltratada, ela é recebida com o olhar torto. Isso é vergonhoso de se ver acontecendo dentro do próprio movimento. Então, infelizmente, é preciso que nós, primeiro, passemos a pensar que o período de pandemia fez com que nós precisemos observar, falar sobre clichês é necessário, voltar a tratar a vida com os famosos clichês é necessário. Nós passamos muito falando de clichês “ai isso é clichê, isso não é necessário.”, mas muitas vezes os clichês que nós falamos durante a nossa vida fazem toda diferença. Que o apoio se faz necessário, a palavra amiga faz toda diferença, o respeito, a compreensão faz toda diferença. Isso tudo é uma construção. Então eu sinto muito, mas eu deixo com mensagem para toda nossa sociedade, todos os leitores, todas as pessoas que podem estar nos ouvindo e nos lendo, que elas compreendam que: primeiro, não se preocupe se você conhecer alguém que é soropositivo, não se preocupe, ele não te oferece risco nenhum. Ele não te oferece risco algum, se ele estiver fazendo o tratamento dele, obviamente, se ele estiver se cuidando. É necessário que a gente compreenda que a valorização começa em nós, né? Se

eu não me valorizo, não consigo valorizar o próximo. Então eu tenho que me valorizar, me cuidar, sabendo dessa minha condição para que eu cuide de outra pessoa. Eu tenho que ter essa responsabilidade. Então sexo, se possível, com preservativo sempre. Sexo, se for com soropositivo, não tenha medo desde que a pessoa faça o seu tratamento, procure conhecer as pessoas com a qual você vai se relacionar, é muito importante. Diálogo sempre feito antes é muito importante. Claro que aquela pegação é sempre boa, mas é importante a gente deixar aquele recado, né... É importante, até mesmo pela sua própria segurança, para você saber com quem você está se envolvendo. Mas, enfim, se realmente não foi possível observar nenhum dos itens anteriores do checklist, tá aí a ciência para te ajudar a seguir em frente. Seja, primeiro fazendo os seus testes sempre, se cuidando, se deu positivo, se cuide, se trate, as medicações são gratuitas, são distribuídas pelos SUS que fornece tratamento psicológico, social com as assistentes sociais, médico com os infectologistas. Então, isso tudo é possível e é plenamente possível viver pleníssimo convivendo com o HIV.

Recebido em 11/01/2022

Aceito em 15/01/2022